

O PROFESSOR LEITOR E SUA FORMAÇÃO: UM OLHAR SOBRE O CURSO DE PEDAGOGIA

Autora: Maria Jocelma Ferreira CAVALCANTE
Graduada em Pedagogia CAMEAM/UERN
Email: jocelmalima_12@hotmail.com

Co-autora: Prof^ª Esp. Kaíza Maria Alencar de OLIVEIRA
Prof^ª do Departamento de Educação CAMEAM/UERN
Email: kaizaalencar@yahoo.com.br

Orientadora: Prof^ª Mda. Iandra Fernandes Pereira CALDAS
Prof^ª do Departamento de Educação CAMEAM/UERN
Email: iandrafernandes@hotmail.com

RESUMO: Partindo da premissa de que a leitura é prática essencial à vida em sociedade e meio fundamental de acesso à cultura e aos conhecimentos produzidos pela humanidade. A metodologia utilizada compreendeu a revisão teórico-bibliográfica acompanhado de pesquisa de caráter exploratório descritiva, com aplicação de questionários. Tomamos como base teórica autores como Brzezinski (2002), Cosson (2007), Colomer (2002), Freire (1996), Imbernón (2006), Kleiman (2008), Kramer (2002), Lajolo (2004), Larossa (2003), Linhares (2006), Martins (2007), Silva (1996), dentre outros, os quais forneceram elementos para a construção dos conceitos de leitura e formação do professor leitor. Como resultados, verificou-se que a prática de leitura deve ser incentivada desde cedo, bem como, os cursos de formação devem também incentivar à prática de leitura, pois a partir daí podemos nos emancipar enquanto sujeito, nos transformando e mudando o nosso meio. Podemos concluir que, para formar um aluno leitor é preciso antes o professor ser leitor.

Palavras-chave: Leitura, Professor leitor, Prática Pedagógica.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS:

O presente texto é parte de um trabalho monográfico que vem refletindo sobre os conceitos e práticas de leitura como elementos de suma importância para a formação professor leitor, no exercício da práxis docente.

Nesse sentido, a pesquisa foi realizada na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, no *Campus* Avançado “Prof^ª. Maria Elisa de Albuquerque Maia” – CAMEAM, no curso de Pedagogia, mas especificamente com os discentes do 8º período 2012.2.

A metodologia utilizada compreendeu a revisão teórico-bibliográfica, pesquisa exploratório-descritiva, de caráter investigativo com aplicação de questionários. Tomamos como base teórica autores como Brzezinski (2002), Cosson (2007), Colomer (2002), Freire (1996), Imbernón (2006), Jouve (2002), Kleiman (2008), Kramer (2002), Larossa (2003),

Linhares (2006), Martins (2007), Silva (1996), os quais nos forneceram elementos para a construção dos conceitos de leitura e formação do professor leitor.

O trabalho como um todo vem trazendo algumas reflexões sobre a leitura em diferentes formas e perspectivas. Onde a leitura deve ser prática presente não apenas na sala de aula, mas que o professor incentive e mostre o quanto ela é necessária para o exercício da nossa formação e essencial nas relações sociais.

1 O PROFESSOR LEITOR: TECENDO UM OLHAR SOBRE SUA FORMAÇÃO E PRÁTICA DOCENTE

A leitura é importante em todos os contextos sociais e em todas as formas, para Martins (2007) é importante entender que a leitura ocorre em três níveis: o sensorial, o racional e o emocional. O primeiro nível está ligado aos sentidos, o segundo as nossas emoções e o último ao intelecto.

A leitura sensorial acontece com o uso dos nossos sentidos (visão, tato, audição etc.), fazendo com que o leitor defina se gosta ou não do livro, muitas vezes inconscientemente, e se torna um objeto mágico diferentes dos outros brinquedos, mas que também é uma grande fonte de prazer e descoberta.

A leitura sensorial vai, portanto, dando a conhecer ao leitor o que ele gosta ou não, mesmo inconscientemente, sem a necessidade de racionalizações, justificativas, apenas porque impressiona a vista, o ouvido, o tato, o olfato ou o paladar. (MARTINS, 2007, p. 42).

A leitura emocional é aquela onde o leitor faz um pacto ficcional com a obra de forma afetiva, na qual ele se vê naquela realidade alheia, participando ativamente, sentido seus anseios, alegrias, vivendo novas aventuras, compartilhando emoções. “[...] caracteriza-se, pois, um processo de participação afetiva numa realidade alheia, fora de nós” (MARTINS, 2007, p. 52).

Já na leitura racional, o leitor consegue utilizar-se da sensorial e emocional para compreender de forma efetiva o que o autor esta tratando em sua obra. Construindo assim uma ponte entre o leitor e o conhecimento. Nesse tipo de leitura, o leitor pode fazer indagações a fim de compreender e dialogar com o texto, construindo assim novos conhecimentos. “Na leitura racional, o leitor visa mais o texto, tem em mira a indagação, quer mais compreendê-lo, dialogar com ele”. (MARTINS, 2007, p.71).

O processo de construção da leitura se dá, portanto, através de um aprendizado que acontece ao longo da nossa vida, como afirma “A leitura é uma herança maior do que qualquer diploma”. (CAGLIARI, 1997, p. 148). Inicia de forma natural mediante envolvimento com o meio circundante essa é a nossa primeira leitura e vai se ampliando mediante a nossa vontade de aprender, de descobrir e explorar o novo.

Através dessas noções de leitura e práticas de leituras, o professor esteja ele no exercício de sua docência ou em processo de formação inicial, deve ter essas noções de leituras abordada ao longo desse texto, deve também buscar sempre que possível aprofundar suas leituras, tendo em vista que a sociedade, o conhecimento avançam cada vez mais de forma acelerada e devemos, portanto, estar nos aperfeiçoando para que possamos atender na medida do possível as exigências que ela nos coloca, de formar sujeitos pensantes, mais críticas, autônomas e capaz de exercer sua cidadania seja ela coletiva ou subjetiva.

Durante muito tempo a leitura esteve associada apenas a concepção de mera decodificação do código escrito. Não havia um diálogo entre autor e leitor. Mas com o passar do tempo, a leitura tornou-se uma ferramenta imprescindível ao indivíduo, pois favorece a inserção do mesmo no meio social e é o que o caracteriza como cidadão consciente de seus direitos e deveres.

Quando organizamos nossos conhecimentos adquiridos *a priori*, através de situações advindas da realidade, somos capazes de estabelecer relações e buscarmos soluções para determinado problema, a partir daí realizando a nossa leitura de mundo.

Quando começamos a organizar os conhecimentos adquiridos, a partir da situação que a realidade impõe e da nossa atuação nela, quando começamos a estabelecer relações entre as experiências e a tentar resolver os problemas que se nos apresentam – ai então estamos procedendo a leituras, as quais nos habilitam basicamente a ler tudo e qualquer coisa. (MARTINS, 2007, p. 17).

Nosso primeiro contato com a leitura dar-se através do mundo, antes mesmo do contato direto com o livro. Das experiências que a realidade nos proporciona constantemente. Isso porquênão começamos a ler apenas quando chegamos à escola, mas através do contato, das sensações, da leitura mediatizada pelo mundo, ou seja, a leitura se faz em um processo natural construído a cada dia.

1.1 O PROFESSOR COMO SUJEITO LEITOR:

Quando se fala em práticas de leituras, gosto pela leitura, muitas vezes relacionamos apenas ao aluno em formação, mas a leitura não se limita e nem se destina prioritariamente ao aluno, mas também ao professor que é o intermediário entre conhecimento – aluno – conhecimento, de forma progressiva.

Falar em leitura remete pensar na formação do professor leitor, pois, a leitura é fator essencial no desenvolvimento de sua identidade e constitui assim um instrumento de sua prática, onde o professor será o mediador de conhecimento que acontece no processo ensino/aprendizado, que deve acontecer a partir de sua auto-avaliação, de aprender a aprender no que se ensina descobrindo assim um novo jeito de ler o mundo de forma singular, mas que também possa contemplar o todo que está ao seu redor.

De acordo com Silva (2009);

O professor lê e faz ler os seus alunos. O professor lê e provê conteúdos. O professor lê e prevê caminhos. O professor lê e se vê melhor nas suas caminhadas. O professor lê e se reconstrói nas experiências. O professor lê e se revitaliza incessantemente. (SILVA, 2009, p. 04).

Assim, a função do educador, não seria precisamente a de ensinar a ler, mas de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo a realidade de seus alunos, levando em consideração suas dificuldades seja ela educacional ou social, mas que venha a atender as exigências que a sociedade lhe apresenta. Nesse sentido;

A escola tem a obrigação de assegurar o acesso ao conhecimento e, nesse sentido, garantir condições para práticas reais de leitura e escrita é seu dever. Por outro lado, entendemos que a formação é direito e a concretização de práticas de leitura/escrita precisa ser parte da formação de professores. (KRAMER, 2002, p. 187).

Em consonância com o enunciado acima a leitura é considerada o cerne de aprendizado do professor e ao mesmo tempo instrumento de sua prática, pois se dá de forma dialética através da descoberta do novo, da relação aprender/ensinar e ensinar/aprender no que se ensina, e a partir daí ele estará sempre se aperfeiçoando e melhorando cada vez mais sua prática pedagógica, “O professor é sujeito e não objeto de sua formação”. (IMBERNÓN, 2006, p. 81).

A formação do professor como um intelectual transformador, que tem uma função social a desempenhar na sociedade a fim de construir sujeitos mais críticos e conscientes de

seus direitos e deveres perante a sociedade, requer um constante aperfeiçoamento de sua prática e uma maior ampliação em suas leituras. Sendo assim:

Considerar os professores como intelectuais, porém, implica incitá-los a analisar a função social que desempenham, bem como a examinar que tradições e condições têm impedido uma prática transformadora mais efetiva. Considerar os professores como intelectuais envolve ajudá-los a identificar os interesses políticos e ideológicos que estruturam a natureza do discurso as relações sociais da sala de aula e dos valores transmitidos aos alunos. (LINHARES, 2006, p. 48).

Ser professor não é apenas está em uma sala de aula transmitindo informações aos alunos, ele o professor é o “ser” responsável por transformar o aluno em um cidadão que tenha visão de mundo mais abrangente, que identifique interesses político – ideológico nas relações sociais e mais ainda que perceba que a educação não é neutra, pois, para que a educação fosse neutra era preciso que não houvesse discordância entre os indivíduos com relação ao status e condição de vida social e individual. (FREIRE, 1996).

A educação é vista como um processo social que está para além dos muros da escola, ela deve preparar os sujeitos para viver em sociedade e atender as todas as esferas da vida social de acordo com as especificidades de cada sujeito. Assim,

Os futuros professores e professoras devem estar preparados para atender as transformações que vão surgindo nos diferentes campos e para ser receptivos e abertos a concepções pluralistas, capazes de adequar suas atuações às necessidades dos alunos e alunas em cada época e contexto. (IMBERNÓN, 2006, p. 61).

Ao professor é dado, digamos assim uma missão que sozinho ele não é capaz de realizar, de poder atender a todos os alunos, contextos, etnias e realidade socioeconomicamente diferentes, exige-se para isso uma formação permanente e atualizada que é imprescindível para a melhoria da qualidade do ensino ofertado em sala de aula; mas para se garantir realmente isso é necessário a participação e envolvimento da escola com um todo, da presença dos pais e alunos, pois só podemos obter uma formação mais significativa.

Em cada dia da sua prática docente é necessário que o professor esteja sempre observando, investigando, intervindo mediante dificuldades que vão surgindo. Orientando os alunos a pensarem criticamente, a alargarem seus conhecimentos prévios fundamental para o entendimento mais complexo de sucessivas aprendizagens que vão surgindo com o passar do tempo.

O professor é visto muitas vezes como um ser diferenciado que nasceu com uma missão de formar pessoas para viver de forma plena em sociedade, mas, por traz de sua profissão como docente, o professor é também uma pessoa como qualquer outra, com sonhos, desejos e emoções, ou seja, características comuns a todos. Mas, o seu “eu” pessoal, no entanto não é percebido pelas pessoas, pois, cobra-se muito desse profissional, como se todas as mazelas sociais fossem resolvidas por ele. “Se a educação não pode tudo, alguma coisa fundamental a educação pode”. (FREIRE, 1996, p. 112). Isso significa dizer que a educação nos mostra o caminho para construir novas mudanças, mas os passos só podem ser realizados por cada um de nós e não apenas por um único ser – O professor.

Preparar futuros educadores para atuar na sociedade só é possível se os cursos de formação desenvolverem no aluno o gosto pela leitura, pois a educação é um processo social que está para além da escola, é um processo contínuo, tendo em vista que, a participação no meio social só se efetivara plenamente se as pessoas tiverem esse conhecimento.

É nesse sentido que a Universidade desempenha papel importante na formação dos sujeitos, pois:

[...] mas que habilitar estudantes para atuar como profissionais no mercado de trabalho, a universidade deve formá-lo para influir sobre a realidade onde vão atuar numa perspectiva de mudanças, a partir de uma visão crítica da realidade. (LINHARES, 2006, p. 56).

O principal objetivo dos cursos de formação de professores está no sentido de formar sujeitos para intervir digamos assim, na sociedade, no mundo do qual fazemos parte. Assim; “[...] a educação é uma forma de intervenção no mundo” (FREIRE, 1996, p. 98). De nos fazer sujeitos da mudança, de termos um posicionamento crítico a respeito da realidade, do conhecimento que nos chega, de tentarmos identificar as intenções político - ideológica por traz das informações.

Um ensino/aprendizagem que vise à emancipação do sujeito através da construção do conhecimento só se faz possível se a escola, o professor e o aluno virem na leitura, instrumento fundamental para a sua “libertação”, tornando-se sujeito e objeto de sua própria formação. Para isso é necessário que o professor busque conhecer seus alunos, o conhecimento prévio que eles trazem para a escola, que o professor esteja sempre mantendo uma educação continuada, pois, isso tudo será determinante para se trabalhar a leitura de forma mais prazerosa.

2 OS CAMINHOS TRILHADOS PELA FORMAÇÃO:

A construção da nossa profissão se dá durante a nossa formação acadêmica, em que nos tornamos leitores, seja pelo prazer de ler ou pelo simples ato de cumprir com o referencial curricular do componente do curso. Somos vítimas do ensino, refiro aqui ao que recebemos durante a Educação Básica, desde as Séries Iniciais, no Ensino Fundamental e o Ensino Médio que estavam e/ou (está) mais voltada para a memorização, não havia diálogos com o texto, nesse sentido, a Educação Básica não está ou não tem consigo aproximar o leitor do texto, sem um fim puramente mecanicista, ocasionando assim aos alunos que ingressam na Universidade dificuldade em desconstruir essas práticas. Os mesmos se vêem obrigados a realizar diversas leituras e acabam se afastando ainda mais do prazer com o texto.

A questão da obrigatoriedade da leitura em nível acadêmico faz com que o texto seja visto muitas vezes como algo cansativo, enfadonho. Mas com o tempo vamos nos adaptando aos tipos de leituras, sua linguagem, e o mais importante a interpretar, ver nas entrelinhas o que não víamos antes, será que é por que a nossa mente estava acostumada apenas decorar e transcrever? Talvez esse fosse e continua sendo um problema. Mas devemos enquanto pedagogos, superar esse pragmatismo advindo de um ensino mnemônico, romper com essa visão de leitura obrigatória e olhar os textos acadêmicos sobre uma nova ótica, ou seja, por uma lente que nos faça transparecer a essencialidade de determinado conhecimento adquiridos através da leitura desses textos, refletir sobre o quanto cresceremos em nível de aprendizado que posteriormente será desenvolvida em nossa prática educativa.

O papel desempenhado pela academia é de formar um profissional leitor que atenda as exigências da sociedade bem como favorecer a construção de sua autonomia, consciência crítica que respeite à subjetividade existente em cada esfera da sociedade.

Pensando nisso, Tardif (2002), defende que “o saber é sempre o saber de alguém que trabalha alguma coisa no intuito de realizar um objetivo qualquer”. (TARDIF, 2002, p. 10, 11). Além disso, o saber do professor está relacionado com sua subjetividade com o seu “eu” com a sua identidade, com sua experiência de vida, sua história profissional, e pessoal, bem como nas relações estabelecidas com os alunos à escola e a comunidade. Pois,

Os futuros professores e professoras também devem estar preparados para entender as transformações que vão surgindo nos diferentes campos e para ser receptivos e abertos a concepções pluralistas, capazes de adequar suas atuações às necessidades dos alunos e alunas em cada época e contexto. (KRAMER, 2002, p. 61).

A profissão professor é uma das mais belas e difíceis de ser exercitada, somos o profissional responsável por formar todas as outras profissões existentes na sociedade, somos os profissionais que na medida do possível, busca articular o conhecimento de mundo dos alunos com os conhecimentos científicos escolares, somos assim um ser que deve estar aberto à pluralidade, a adequar nossas atuações de acordo com a necessidade de cada aluno em época e contexto diferente. Somos então um ser que deve estar em constante aperfeiçoamento e abertos ao novo que surge constantemente.

A proposta de formação de professores que hoje se discute depende da concepção que se tem de educação e de seu papel na sociedade, contemplando o saber científico, adquirido na academia, o saber pedagógico, que esteja comprometido com a formação dos sujeitos, que venha traçar diretrizes a fim de melhores ações educativas.

Quanto ao saber político-social, o professor é um sujeito eminentemente político, por que busca fazer com que seus alunos pensem, adquirem consciência de sua condição como sujeitos inacabados, pensando assim *na* realidade e *sobre* a realidade que o cerca. Já dizia Freire “a raiz mais profunda da politicidade da educação se acha na educabilidade mesma do ser humano, que se funda na sua natureza inacabada e da qual se tornou consciente”. (FREIRE, 1996, p. 110).

A universidade, mas do que formar profissionais deve nos fazer humanos, quando nos faz exercitar a nossa consciência crítica, política, nos indaga e nos faz indagar sobre a vida, a nossa história e o que somos hoje. Nos faz ser o profissional à altura da nossa formação, mas isso depende da vontade de cada um, do seu comprometimento, da intervenção que deseja provocar no seus futuros alunos sobre o meio circundante, a lutar pela garantia dos nossos direitos, a de ter uma vida melhor.

2.1 O PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO: INVESTIGANDO A FORMAÇÃO LEITORA DOS DISCENTES DO CURSO DE PEDAGOGIA

A pesquisa a qual realizamos com os alunos do curso de Pedagogia 2012.2 do CAMEAM/UERN, classifica-se em três âmbitos, o bibliográfico “é desenvolvida com base em um material já elaborado” (GIL, 2009, p. 44), tem caráter exploratório-descritivo, que segundo Selltiz (1997), apud Gil (2009), “[...] a pesquisa exploratória tem como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuição”. (SELLTIS, GIL, 2009, p. 41). E descritiva, pois, mediante coleta de dados através da aplicação de dois questionários, os

dados são descritos e analisados com base nos teóricos que discutem e estudam a temática abordada nesse trabalho.

A partir de uma questão exploratória descobrimos algumas disciplinas que contribuíram para a formação do professor leitor, sob o olhar dos discentes do curso de Pedagogia 2012.2.

A questão foi aplicada para um universo de 23 sujeitos, que estavam presentes em sala de aula no dia 23 de dezembro de 2012. Os dados obtidos foram elencados na tabela abaixo

Tabela 1: Questionário 1

Componente Curricular	Alunos (23 sujeitos)	Justificativa
Literatura e Infância	22	Afirmam ser essa disciplina é a que mais contribui para a formação professor-leitor.
Alfabetização e Letramento	12	Idem
Concepções e Práticas da Ed. Infantil	12	Idem

(Dados coletados por Maria Jocelma Ferreira Cavalcante)

As categorias de análise do questionário semi-estruturado são seis, mas serão descritas apenas 3 (três) delas, que vem a contemplar como se deu a formação leitora dos alunos universitários, a primeira busca entender, quais foram as principais dificuldades dos discentes com relação à leitura ao entrarem na Universidade, a segunda como os componentes curriculares Alfabetização e Letramento, Literatura e Infância e Concepções e Práticas da Educação Infantil puderam contribuir para a sua formação como leitor, já a terceira vem tentar identificar no que a leitura pode favorecer para a construção de sua formação do futuro educador. Que serão analisadas a seguir:

1. Ao iniciar na Universidade, quais foram suas principais dificuldades com relação à leitura? E por quê?

As principais dificuldades com a leitura na Universidade consistem na interpretação de textos. Isso ocorre devido à educação falha que tivemos desde os primeiros anos da Educação básica. (Jasmim, 2013)

Podemos inferir, diante da resposta, que as dificuldades enfrentadas ao entrarem na Universidade está relacionada à interpretação dos textos, afirmando também que um dos

causadores dessas dificuldades se explica devido a um ensino que tivemos durante a Educação Básica, voltado apenas à memorização e reprodução do conhecimento.

2. Como os componentes curriculares Alfabetização e Letramento, Literatura e Infância e Concepções e Práticas da Educação Infantil puderam contribuir para a sua formação como leitor (a)? Comente como cada uma destas disciplinas contribuiu para sua formação enquanto leitor.

Todas as disciplinas contribuíram, em alguma medida, para a configuração do meu perfil leitor, mas algumas, em específico, tiveram uma maior preponderância. A disciplina Alfabetização e Letramento foi fundamental para compreender o processo de letramento, isto é, de compreensão da língua escrita e falada. A disciplina Literatura e Infância, por sua vez, foi marcante para a minha formação leitora. Eu diria que esta foi uma exceção, pois com ela pude me envolver de forma íntima com a leitura. A discussão da literatura na Educação Infantil me envolveu de forma absorvente e me motivou a ler mais e com gosto. Com a disciplina Concepções e Práticas da Educação Infantil também obtive algumas contribuições. A discussão sobre a infância e as práticas educativas destinadas a esse público me possibilitaram vislumbrar os modos mais adequados de trabalhar com a leitura nesta modalidade de ensino. (Zarathos, 2013)

Todos os componentes curriculares do curso de Pedagogia contribuíram e contribuem de alguma forma para a formação desses sujeitos enquanto leitor. As três disciplinas citadas ao longo desse capítulo, cada uma com sua especificidade contribuíram para a construção da nossa profissão enquanto pedagogos e enquanto pessoa.

3. Qual a importância da leitura para o exercício de sua profissão?

A leitura é de suma importância para minha profissão, pois é necessário estar sempre lendo para o aprimoramento e melhoria da minha prática. Além disso, a profissão professor lida com a formação dos sujeitos, e como formar leitores se o professor não lê, nem incentiva e talvez não goste de ler, faz apenas por obrigação. Primeiro o professor deve gostar de ler para que ele consiga repassar esse gosto e assim formar leitores. (Valéria, 2013)

A leitura além de atualizar, contribui com o aperfeiçoamento e desenvolvimento intelectual e humano do educador. A leitura é importante em toda profissão, mas na Pedagogia ela é fundamental, pois, o pedagogo é de certa forma, um leitor em tempo integral, e depende da leitura para se atualizar e buscar estar preparado para lidar com as mudanças que surgem ao longo dos anos.

TECENDO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Nesse trabalho tentamos compreender como se dá o processo de formação leitora do professor, no que diz respeito à formação acadêmica, se a mesma tem influenciado a formação desse leitor, uma vez que a leitura dos textos das disciplinas Alfabetização e Letramento, Concepções e práticas da educação infantil e Literatura e infância contribuíram para fortalecer/incentivar o gosto pela leitura.

Assim, percebemos que os discentes de Pedagogia atribuem à leitura grande significado, ou seja, como elemento de fundamental importância para a prática docente, uma vez que só se pode ensinar a ler se o professor também tiver o gosto pela leitura. Fazendo dela meio de aprendizado e aperfeiçoamento.

Não tem como o professor ensinar a ler os seus alunos se ele não gosta de ler, não se ensina o que não se sabe, o professor deve ser leitor em tempo integral, deve romper com a visão de que aprender a ler é simplesmente decodificar, o ato de ler vai muito além disso, é uma abertura que se faz em busca de algo novo.

Nesse sentido, a formação de professores para atuar na sociedade só é possível se os cursos de formação também incentivarem nos alunos o gosto pela leitura, que vai desde a educação materna, Educação Infantil ao Ensino Superior, porém, sabemos que nem todas as pessoas têm ou tiveram acesso ao livro quando criança, fazendo da escola o único espaço em que a criança tem inicialmente o contato direto com o livro, se tornando muitas vezes instrumento de admiração e aprendizado.

O presente trabalho não se esgota aqui, mas vem apontando sucessivas inquietações, o conceito de leitura é em si mesmo fortemente subjetivo no sentido de ter diferentes interpretações e finalidades. Pensar na formação do professor leitor é pensar em uma educação constante, que nunca tem fim, sempre há o que aprender.

REFERÊNCIAS

BRZENZINSKI, I. **Profissão professor: identidade e profissionalização docente**. Brasília: Plano Editora, 2002.

CAGLIARI, L.C. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 1997.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática** / Rildo Cosson. – 1. ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2007.

COLOMER, T. **Ensinar a ler, ensinar a compreender**/ Teresa Colomer e Anna Camps; trad. Fátima Murad – Porto Alegre: Artmed, 2002.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional: forma-se para a mudança e a incerteza**/ Francisco Imbernón. – 6.ed. – São Paulo, Cortez, 2006.

KLEIMAM, A. **Texto e leitor: Aspectos cognitivos da leitura**, 11º edição, Campinas, SP: Pontes, 2008.

KRAMER, S. **Alfabetização - Leitura e escrita: formação de professores em curso**. Sonia Kramer. Editora Ática: São Paulo, 2002.

LAROSSA, J. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. 4. ed. Tradução de Alfredo Veiga - Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1999.

LINHARES, C. **Formação de professor: pensar e fazer**. Nilda Alves [et. al.]; (Org.) – 9. Ed. – São Paulo, Cortez, 2006.

SILVA, K. L. de A. Formar Leitores: um desafio da escola. **Revista ABC Educatio**, p. 42-46.

SILVA, E. T. **O ato de ler: Fundamentos psicológicos para uma Pedagogia da leitura**/ Ezequiel Theodoro da Silva – 7. ed. – São Paulo: Cartez, 1996.